

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNESTO FERREIRA

Administrador: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,
E. Ferreira, M. Lourinho, E. Miranda, S. Reis e
M. Miguel.

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.

32. RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA

Número avulso 1\$50

Assinatura anual 15\$00

ANO XVI

SETEMBRO 1955

N.º 108

ANDAI NA LUZ *por E. G. White*

Foi-me mostrado que o povo de Deus demora demasiado sob nuvens. Não é vontade d'Ele que eles vivam em incredulidade. Jesus é luz, e n'Ele não há treva alguma. Seus filhos são filhos da luz. São renovados à Sua imagem, e chamados das trevas para Sua maravilhosa luz. Ele é a luz do mundo, e assim são os que O seguem. Não andarão em trevas, mas terão a luz da vida. Quanto mais rigorosamente se esforçar o povo de Deus para imitar a Cristo, tanto mais perseverantemente serão eles perseguidos pelo inimigo; a sua proximidade de Cristo, porém, fortalece-os para resistir ao esforço do seu astuto inimigo para os alienar de Cristo.

Foi-me mostrado que há demasiado perigo comparar-nos uns aos outros, tomando por exemplo mortais falíveis, quando temos um seguro e infalível Modelo. Não nos devemos medir pelo mundo, nem pelas opiniões dos homens, nem pelo que nós éramos antes de abraçarmos a verdade. A nossa fé e posição no mundo, porém, tais como são agora, devem ser comparados com o que poderiam ter sido, caso a nossa direcção tivesse sido sempre para a frente e para cima, desde que professámos ser seguidores de Cristo. Esta é a única comparação digna de confiança que se pode fazer. Em qualquer outra haverá engano. Se o carácter moral e o estado espiritual do povo de Deus não correspondem às bênçãos, privilégios e luz a eles concedidos, são pesados na balança, e os anjos fazem o registo: EM FALTA.

Quanto a alguns, parece que lhes é oculto o seu verdadeiro estado. Eles vêem a verdade, mas não lhe percebem a importância, ou as suas reivindicações. Ouvem a verdade, mas não a compreendem plenamente, porque não harmonizam com ela a

sua vida, não sendo portanto santificados pela obediência à mesma. Todavia, eles descansam tão desinteressados e satisfeitos como se a nuvem de dia e a coluna de fogo à noite fossem adiante deles, sinal do favor de Deus. Professam conhecer Deus, mas negando-O com as obras. Contam-se como Seu povo escolhido e peculiar, todavia a Sua presença e poder de salvar perfeitamente raro se manifestam entre eles. Quão grandes são as trevas dessas pessoas! No entanto elas não o sabem. A luz resplandece, elas, porém, não a compreendem. Não há mais forte ilusão a enganar a mente humana do que a que as faz crer que são justas, e que Deus aceita as Suas obras, quando estão pecando contra Ele. Tomam a forma da piedade pelo espírito e poder da mesma. Julgam-se ricos, e que de nada têm falta, quando são pobres, miseráveis, cegos e nus, carecidos de tudo.

Alguns há que professam ser seguidores de Cristo, e todavia não fazem nenhum esforço no sentido espiritual. Em todos os empreendimentos mundanos desenvolvem esforços e manifestam ambição de conseguir o seu objectivo e realizar o desejado fim; no empreendimento da vida eterna, no entanto, em que tudo está em jogo e a sua felicidade eterna depende do seu triunfo, procedem com tanta indiferença como se não fossem agentes morais, como se outro estivesse jogando a partida da vida por eles, e eles não tivessem nada a fazer senão aguardar os resultados. Oh, que loucura! Que demência! Se todos manifestarem na vida tão somente aquele grau de ambição, zelo e diligência que mostram em seus empreendimentos mundanos, serão vitoriosos. Cada um, eu vi, tem de obter

(Continua na pág. 14)

REVERÊNCIA NA CASA DE DEUS - II

Respeito por Deus e pelo Homem

por M. V. CAMPBELL

Presidente da Divisão Sul-Europeia

Vivemos numa época que não se distingue pela reverência ou muito respeito para com Deus e o homem. Tornou-se popular a referência a homens que ocupam lugares de chefia nas grandes nações pelos seus primeiros nomes ou por alcunhas familiares, sem que o seu ofício, posição ou valor causem qualquer impressão. Esta atitude introduziu-se na igreja, onde ouvimos muito acerca do amor e bondade de Deus, mas pouco acerca da Sua majestade. É fácil de ver pela atitude de alguns nos bancos, e até por vezes dos que estão na tribuna, que um culto de igreja não excede muito uma conferência secular. Poucos parecem conhecer o temor de Deus.

Um verdadeiro conhecimento de Deus, do Seu poder, e da Sua glória, faz mudar a nossa atitude ao aproximar-nos d'Ele, quer em oração privada quer em solene culto público. O salmista foi levado a uma reverente adoração ao contemplar a glória de Deus: «O Senhor é Deus grande, e Rei grande acima de todos os deuses. ... Oh, vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhe-mos diante do Senhor que nos criou.» (Sal. 95:3-6). O pensamento da grandeza de Deus inspirou adoração. Fez também curvar a cabeça do salmista e levou-o a ajoelhar-se.

A verdadeira adoração é sempre acompanhada de solenidade, frequentemente com respeito, e por vezes com temor. Quando os vinte e quatro anciãos caem diante de Deus e O adoram dizem: «Tu és digno, ó Senhor.» (Apoc. 4:11). A palavra hebraica usada pelo salmista e traduzida por «adorar» significa à letra «prostrar-se».

O costume na oração entre os hebreus dos tempos antigos era ajoelharem-se, e por vezes também curvarem a cabeça até a testa tocar no chão. Era a esta profunda reverência que David convidava o povo.

O culto de Deus hoje ainda merece a adoração visível exterior do corpo bem como a adoração interior e espiritual da alma. Os movimentos corporais são muitas vezes a expressão natural de emoções interiores. Além do acto físico de se curvar e ajoelhar, devia haver prostração da alma, em reconhecimento da nossa dependência

de Deus e da nossa indignidade perante o Seu amor e cuidado, e também como sinal do Seu infinito valor, majestade, glória e santidade. A adoração deve constituir homenagem e admiração levada ao mais alto grau. Há outros sentimentos, afectos e motivos que entram na adoração, como sejam gratidão, alegria, amor, obediência e confiança. A verdadeira adoração apresenta todos estes atributos no altar como oferta queimada, para ser consumida na chama de um santo respeito.

Respeito pela casa de Deus

Todos que prestam verdadeira adoração a Deus devem ter um profundo respeito pela casa em que Ele Se encontra com o Seu povo. Deus sentiu, porém, a necessidade de nos recordar na Sua Palavra o nosso dever. Diz (Ele: «Guardareis os Meus Sábados, e o Meu santuário reverenciareis.» (Lev. 19:30). Isto é ampliado ainda noutras passagens da Palavra de Deus. «Deus deve ser em extremo tremendo na assembleia dos santos, e grandemente reverenciado por todos os que O cercam.» (Sal. 89:7). «Guarda o teu pé quando entrares na casa de Deus. ... Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus; ... sejam poucas as tuas palavras.» (Ecl. 5:1,2). «O Senhor está no Seu santo templo; cale-se diante d'Ele toda a terra.» (Hab. 2:20). Nestes versículos é salientado o santo temor que devemos experimentar, a necessidade de guardarmos as nossas línguas, os nossos pés e os nossos corações, e finalmente o valor do silêncio quando nos encontramos na presença divina.

Este respeito e reverência é devido ao lugar que usamos para a adoração de Deus, quer seja um magnífico edifício dedicado ao Seu nome, quer uma humilde casa de reuniões, quer uma sala alugada e usada noutras alturas para actividades secula-

(Conclui na pág. 16)

SOMBRA DO QUADRANTE

Einstein surpreendido pelo tempo

Há uma cadeira vazia no «Institute for Advanced Study» de Princeton. O Dr. Albert Einstein, «o maior homem de ciência do seu tempo», sucumbiu ao que a revista *Life* chamou «a sua quarta dimensão, o tempo», 2 de Maio de 1955.

Einstein disse: «Não creio no Deus da teologia que recompensa o bem e castiga o mal». — *Ibid.* «A quarta dimensão, o tempo», com as suas estranhas balizas — o pecado e a morte — venceu-o. Todavia ele podia ter esperado no Deus das recompensas, que abolirá o tempo — na eternidade. Com mais clara visão podia ter aprendido do Deus da ciência os mais profundos mistérios do universo que ele não conseguiu resolver durante a sua longa vida. Quão fraco é o maior homem! Quão impotente sem Deus! Constitui uma lição de aviso para os mais inteligentes. — *D. A. Delafield.*

Aumenta a população do mundo

Durante os passados 25 anos a população do mundo passou de 1.800.000.000 para 2.500.000.000. Entre 1920 e 1933 o aumento anual era de aproximadamente 17.000.000. Hoje é de cerca de 30.000.000.

Há aproximadamente um adventista em cada 2.500 pessoas na terra. Se o número dos habitantes do mundo está crescendo em maior proporção do que o aumento entre os adventistas, como será terminada a tarefa a não ser que haja um aumento vital de esforço missionário por parte de cada adventista do Sétimo Dia?

A necessidade urgente de uma rica medida de graça celeste para ampliar a visão ganhadora de almas dos membros da nossa igreja nunca deve ser esquecida. Ela virá pelo derramamento do Espírito Santo sobre a igreja. Cremos que este transbordar de recursos celestes jamais poderá verificar-se a não ser que vejamos que a nossa obra está aumentando, e não diminuindo, ano após ano.

Terríveis possibilidades bélicas

O último relatório da Comissão de Energia Atómica, apresentado no Congresso dos Estados Unidos, revela um sempre cres-

cente potencial de armas de guerra. Pensávamos que tínhamos ouvido o máximo em poder destrutivo quando nos diziam que a experiência feita com a bomba de hidrogénio no Pacífico no ano passado revelou um efeito explosivo de vinte milhões de toneladas de TNT, com capacidade para destruir por completo qualquer das maiores cidades. Mas agora lemos que «num futuro não muito distante fabricaremos bombas iguais em força a sessenta milhões de toneladas de TNT».

O relatório revela ainda que os Estados Unidos até à data tinham dispendido na produção de energia atómica 13.200 biliões de dólares. Quando consideramos o fantástico custo da produção de tais armas, ficamos atónitos e perguntamo-nos por quanto tempo isto pode continuar.

Norman Cousins, editor de *The Saturday Review*, num editorial de 5 de Fevereiro do ano corrente, aponta outro aspecto deste quadro. Diz ele: «O custo para matar um só homem na guerra entre Atenas e Esparta há 2.300 anos foi calculado no equivalente a 1.500\$00. Durante as guerras romanas supõe-se que o preço de uma só morte passou para uns 3.000\$00. Durante a Guerra Americana da Independência o custo subiu para 18.000\$00. Durante a Guerra Americana entre os Estados Unidos o número tem de ser multiplicado quase dez vezes, atingindo mais de 150.000\$00. O custo calculado para a morte de um homem na Primeira Guerra Mundial foi de cerca de 780.000\$00; na Segunda Guerra Mundial foi de 1.950.000\$00.» «Mas», acrescenta o editor, «a época das mortes caras terminou.»

«O facto de mais sinistro significado acerca de uma nova guerra», diz o Sr. Cousins, «é que não exigirá para matar um homem mais do que há 2.000 anos. Nada torna mais dramática a mudança revolucionária que se operou na nova arte da guerra do que a horrível eficiência das novas armas em tornar a morte barata.»

Vésperas de Armagedon

Com este título, foi publicado no *Diário de Notícias*, de 15 de Agosto de 1955, uma

(Conclui na pág. 10)

DR. HENRIQUE JOÃO FARO

Acaba de concluir o seu curso de médico, na Universidade de Lisboa, o nosso prezado Ir. Dr. Henrique João Faro.

Muito teríamos a contar do seu testemunho enquanto estudante, e das suas vi-



Dr. Henrique João Faro

tórias na guarda do Sábado durante as aulas e nos exames.

De uma maneira especial está de parabéns a igreja de Lisboa, onde, no ano corrente, desempenha as funções de director da Escola Sabatina.

A propósito do Dr. Henrique João Faro lembramos aquele dia em que o jovem D. L. Moody ouviu o evangelista Henry Varley dizer, em Dublin: «O mundo ainda há-de ver o que Deus pode fazer com, em favor e através de um homem que Lhe seja inteiramente consagrado.» Essas palavras ficaram soando-lhe aos ouvidos como um apelo pessoal, até que, não podendo resistir mais, caiu de joelhos e disse para o Seu Deus: «Pela Tua graça, eu serei esse homem.» E foi assim que Moody se tornou o evangelista que, depois de S. Paulo, talvez maior número de pecadores tenha chamado à conversão.

São tão sábias e invulgares as instruções dadas no domínio da saúde por Deus à Sua igreja através do Espírito de Profecia; são tão amplas as possibilidades de desenvolvimento e serviço; é tão estimulante o exemplo do que outros já têm feito, — que garantimos poder elevar-se às mais altas culminâncias o médico adventista que o deseje ser no mais compreensivo sentido da palavra.

Fazemos votos para que todas as virtualidades que Lhe oferece a sua nobre carreira se convertam, no Dr. Henrique João Faro, em feliz realidade.

Departamento de Publicações da União Portuguesa

Relatório de vendas referente a Julho de 1955

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
António Gomes Duarte	189	7.185\$00	2.910\$00	10.095\$00
Clemente A. Sales	158	1.790\$00	2.820\$00	4.610\$00
Isaías da Silva	180	3.540\$00	960\$00	4.500\$00
Adelino N. Diogo	198	2.455\$00	310\$00	2.765\$00
Joaquim Dias	88	2.075\$00	145\$00	2.220\$00
João António	186	2.050\$00		2.050\$00
Maria L. Saboga Serra	150		2.025\$00	2.025\$00
Ernesto de Sousa	73	515\$00	745\$00	1.260\$00
Afonso António	135	1.180\$00		1.180\$00
Júlia Sanches	192	605\$00	475\$00	1.080\$00
Mariana Casimiro	80		644\$00	644\$00
M. C. Resende	150	187\$00	201\$50	388\$50
	1.779	21.582\$00	11.235\$50	32.817\$50

O Sec. Publicações
Fernando Garcia Mendes

Assembleia Geral da Conferência Portuguesa

3-7 de Agosto de 1955

De 3 a 7 de Agosto esteve reunida em Lisboa a Assembleia Geral da Conferência Portuguesa, com a presença de uns 120 delegados das diferentes igrejas do Continente.

Da Divisão Sul-Europeia vieram os Pastores M. V. Campbell, A. Meyer e R. Gerber que, antes da Assembleia pròpriamente dita, dirigiram a palavra aos obreiros que se haviam reunido numa convenção durante os dias 2 e 3.

Neste último dia à noite teve lugar a reunião inaugural, com a apresentação das habituais boas-vindas e a chamada dos delegados, lembrando em seguida o presidente da Conferência Portuguesa, Ir. E. Ferreira, os progressos verificados neste campo desde que pela última vez nos reunimos.

Quinta, sexta e domingo foram inteiramente preenchidos com os trabalhos, seguindo-se um programa bastante intenso, com boas reuniões de oração, inspiradas mensagens dos nossos dirigentes, apresentação de relatórios dos departamentos e das igrejas, e reuniões de comissões.

Nas reuniões públicas da noite falaram: quinta-feira, o Pastor M. V. Campbell; sexta, o Pastor A. Meyer; domingo, na igreja central, o Pastor R. Gerber, e, na de Alvalade, o Pastor Meyer.

O Sábado foi o grande dia desta assembleia. Depois de uma numerosa classe de monitores, dirigida pelo Ir. Gerber, teve lugar a Escola Sabatina, em classes, sob a superintendência do Pastor Pedro B. Ribeiro. O orador do culto solene foi o Pastor M. V. Campbell que, em palavras inspiradas, chamou a atenção da Igreja para a necessidade de se preparar para a segunda vinda de Jesus.

Às 15 horas, realizou-se a tócente cerimónia de consagração ao ministério dos Irs. Fernando Mendes e José Pedro Abella.

Em seguida, teve lugar uma cerimónia baptismal, dirigida pelo Pastor Fernando Mendes, tendo descido às águas as cinco primeiras almas de Peniche e uma do Cadaval, por ele preparadas, além de mais uma do Barreiro, apresentada pelo Ir. Manuel Laranjeira.

A noite, os Missionários Voluntários apresentaram um interessante programa

festivo, no qual se salientaram poesias, cânticos e coros a vozes, por crianças e jovens, peças ao piano, e a evocação de alguns dos factos mais salientes da história do Movimento Adventista em Portugal, culminando com a transmissão do facho simbólico da Mensagem por um representante dos membros de cada década, os quais manifestaram a determinação de levar avante o mesmo espírito de sacrifício e consagração que caracterizou os nossos pioneiros. Este esplêndido programa foi dirigido pelo Ir. José Maria Graça.

Nas reuniões públicas, e na Escola Sabatina e Culto de Sábado, bem como no programa festivo, fizeram-se ouvir os coros das igrejas Central e de Alvalade.

Estes foram dias abençoados, e todos voltámos para as nossas ocupações habituais com o desejo de fazer mais e melhor, e com a convicção de que foi grande o privilégio a que fomos chamados quando entrámos neste grande Movimento Adventista.



Passamos em seguida a transcrever algumas resoluções aprovadas pela Assembleia:

1 — Testemunho de Gratidão e Consagração

Considerando que os delegados, reunidos em Lisboa na Assembleia realizada de 3 a 7 de Agosto de 1955, estão contentes pelos progressos realizados na Conferência Portuguesa durante os últimos dois anos no que diz respeito aos numerosos baptisms, à penetração da Mensagem em novas localidades, à organização de novas igrejas, à fidelidade de nossos irmãos e irmãs nos dízimos e ofertas, à medida da liberdade com a qual os nossos irmãos podem exercer a sua fé e realizar a obra de Deus, incluindo o trabalho da colportagem, e à maneira como Deus tem protegido os Seus filhos e obreiros,

Resolvemos: a) Fazer subir a Deus as nossas acções de graças e de reconhecimento;

b) Conscientes do que fica ainda por fazer para a finalização da Obra e da im-

perfeição dos nossos serviços, consagrar-nos mais inteiramente ao Senhor, ser mais fiéis e exercer um ministério mais fecundo e mais entusiasta no novo período que se abre diante de nós.

2 — Preparação para a Segunda Vinda de Jesus

Considerando que a volta de Cristo é a única solução para os problemas deste mundo, o que é aliás reconhecido também pelas outras denominações;

Reconhecendo o perigo que corremos de afrouxarmos na nossa vigilância e de perdermos a nossa convicção a respeito da iminência desse regresso,

Comprometemo-nos a buscar ao Senhor com fervor, pelo estudo da Sua Palavra e pela oração, a fim de concluirmos a nossa preparação, e de termos a certeza de estar de pé por ocasião do Seu aparecimento glorioso.

3 — Observância do Sábado

Considerando os ensinamentos da Bíblia e do Espírito de Profecia acerca da observância do Sábado e das diversas bênçãos que a ela estão ligadas;

Considerando que este dia, dado por Deus ao homem, é ao mesmo tempo o memorial da criação e o sinal da santificação;

Considerando, por outro lado, os perigos reais que existem de nos afastarmos da santidade do dia de repouso pelos cuidados e tentações diversas da vida diária (trabalho, negócios, leituras, rádio, excursões, associação com não-adventistas, frequência de escolas, serviço militar, etc.),

Comprometemo-nos, diante de Deus e com a Sua graça, a ter o cuidado de guardar fiel e alegremente, na letra e no espírito, o mandamento do Senhor relativo ao Sábado, a guardar as horas sagradas deste dia desde o princípio até ao fim do mesmo, testemunhando assim o nosso amor e o nosso respeito para com Aquele que é o Senhor do Sábado.

4 — Revista Adventista

Considerando as vantagens procedentes da leitura de artigos escritos pelos nossos irmãos de experiência e de notícias referentes ao progresso da Obra de Deus em todo o mundo e em particular nos territórios de língua portuguesa,

Recomendamos que cada chefe de famí-

lia ou membro isolado de igreja seja assinante da *Revista Adventista*.

5 — Missão Interior

Considerando que «a obra de Deus nesta terra nunca poderá ser terminada a não ser que os homens e as mulheres que constituem a Igreja concorram ao trabalho e unam os seus esforços aos dos ministros e oficiais da igreja» (*Obreiros Evangélicos*, pág. 347),

Recomendamos:

a) Que cada membro de igreja se esforce por estabelecer contactos missionários, falando da Mensagem, distribuindo literatura e trazendo pessoas às reuniões;

b) Que em cada igreja se aproveitem os talentos de pregadores voluntários que possam dar estudos bíblicos em casas particulares;

c) Que se encorajem os nossos membros de igreja a ler a instrução que se encontra no *Serviço Cristão*, escrito por E. G. White, e no *Adestrando Portadores de Luz*, preparado pela Conferência Geral.

6 — Curso Bíblico por Correspondência

Considerando os frutos obtidos pelo Curso de Bíblia por Correspondência, quer em almas já baptizadas quer em almas deveras interessadas na Mensagem,

Resolvemos pedir aos obreiros e membros das nossas igrejas que procurem dar-lhe maior expansão, quer nas suas campanhas missionárias e contactos pessoais, quer ocupando-se das almas que vão terminando o curso e vivem nas áreas das suas actividades, comprometendo-se a Escola a fornecer-lhes regularmente os respectivos endereços.

7 — Colportagem

Considerando que Deus ordenou a colportagem como um meio de apresentar perante o povo a luz contida em nossos livros e que a finalização da Obra depende em larga medida do trabalho das publicações;

Considerando a liberdade que o Senhor nos concede de podermos publicar os nossos livros,

Recomendamos aos obreiros a necessidade de recrutarem entre os membros das igrejas homens e mulheres que se consagram ao trabalho da colportagem e deles façam o seu meio de vida.

NOTÍCIAS DO CAMPO

PASTOR ELISEU MIRANDA — No dia 14 de Julho chegou a Lisboa, acompanhado de sua esposa e filhos, o Pastor Eliseu Miranda, director da Missão de S. Tomé. Desejamos que durante a sua estadia na Metrópole recuperem novas energias para voltarem às responsabilidades do seu campo de trabalho.

PASTORES M. V. CAMPBELL, A. MEYER e R. GERBER — A fim de assistirem à Assembleia da Conferência Portuguesa, chegaram a Lisboa, no dia 2 de Agosto, os Pastores M. V. Campbell e A. Meyer, e no dia 3, o Pastor R. Gerber. Estiveram connosco, o primeiro até dia 7 e os dois últimos até dia 8. As suas mensagens trouxeram nova inspiração a todos os delegados e o efeito da sua vinda irá fazer sentir-se durante largo tempo.

PASTOR A. DIAS GOMES — Depois de uma estadia de cinco anos em Berna, o Pastor A. Dias Gomes voltou a Portugal, aqui ficando a exercer o seu ministério. Damos-lhe as mais cordiais boas-vindas.

DR. GEDEON DE OLIVEIRA — Deu-nos o prazer da sua visita, de 10 a 15 de Agosto, o Ir. Dr. Gedeon de Oliveira, professor e médico no Colégio Adventista de S. Paulo. Na manhã de Sábado, 14, a igreja de Lisboa teve o privilégio de o ouvir falar sobre o progresso da mensagem no Brasil, e à tarde os Missionários Voluntários ouviram-no descrever a maneira como vivem os jovens, e em especial os alunos do dito Colégio, naquela Nação, à qual os portugueses estão unidos por estreitos laços de amizade.

VÍTOR MARTINEZ — Em 15 de Agosto chegou dos Açores, para trabalhar no Continente, o Ir. Vítor Martinez, até aqui obreiro na Igreja de Angra. Sua esposa e filhos já o tinham precedido por motivo de doença. Desejando as melhores, fazemos votos para que nesta nova fase da sua actividade sejam grandemente abençoados.

DR. W. H. BEAVEN — Vindo de Espanha, esteve connosco de 24 a 28 de Agosto o Pastor Dr. W. H. Beaven, secretário associado do Departamento de Temperança da Conferência Geral. No Sábado, 27, dirigiu de manhã uma proveitosa mensagem à igreja de Lisboa, e à tarde falou na reunião dos M. V. da mesma igreja.

J. J. LARANJEIRA — A fim de passar algum tempo no Continente, chegou no dia 26, acompanhado de sua esposa e filha, o Ir. J. J. Laranjeira, que até aqui tem sido obreiro na igreja do Pico, Açores, e passa a trabalhar na igreja de Angra. As nossas cordiais boas-vindas, com o desejo de renovadas energias para a prossecução do seu trabalho.

ANTÓNIO VALENTE — No dia 29 de Agosto, acompanhado de sua esposa, Ir. Irene Gerber Valente, chegou de Angola, o Ir. António Valente, professor no Instituto do Bongo. A este casal missionário, que vai passar algum tempo a França, apresentamos as mais cordiais boas-vindas.

MUDANÇAS DE OBREIROS — Em Agosto realizaram-se as seguintes mudanças de obreiros: para o Porto, A. J. Abella; para Espinho, Canelas e Avintes, M. Miguel; para Tomar, Raul de Meneses; para Setúbal, Arlindo Miranda; para Alvalade, Manuel Leal; para o Barreiro, Vítor Martinez; para R. de Nisa, cumulativamente com S. Julião, Jerónimo Falcão; para Portalegre, A. Dias Gomes; para Castelo Branco e Nisa, Eng. Nunes Ramos; para a Publicadora, em Lisboa, Manuel Lobato; para a Madeira, M. Laranjeira; para o Pico, M. Jorge de Mendonça; para Angra, J. J. Laranjeira.

CONFERÊNCIA PORTUGUESA

Lisboa

Baptismos — O dia 30 de Julho foi um dia de festa para a igreja de Lisboa. Nesse dia mais onze preciosas almas selaram a sua aliança com Deus mediante o testemunho público do baptismo.

Perfazem assim trinta as pessoas que, desde Janeiro, se uniram pelo baptismo a esta igreja.

«E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar.» (Act. 2:47).

Escola Primária — A Conferência Portuguesa tem apenas uma Escola Primária, em Lisboa, a qual desde há anos só pode funcionar com alunos do sexo feminino.

Embora pequena, tem constituído um elemento de valor para a formação intelectual e espiritual das nossas crianças, e tem realizado um bom trabalho missionário, trazendo outras crianças de famílias não adventistas ao contacto com a nossa mensagem e a nossa igreja.

No ano lectivo de 1953-54 estiveram inscritas 25 crianças. Além das que passaram de classe sem exame oficial, foram submetidas 6 alunas ao exame da terceira classe, três ao da quarta e duas ao da Admissão aos Liceus, todas elas tendo ficado aprovadas.

No ano lectivo de 1954-55 inscreveram-se 27 alunas, tendo sido submetidas, além das que passaram para a segunda e a terceira classes, ao exame da terceira classe uma, ao da quarta classe quatro, ao da Admissão aos Liceus 2 e ao exame de Admissão às Escolas Técnicas 4. Todas elas ficaram igualmente aprovadas.

O êxito obtido constitui uma prova inequívoca da proficiência do ensino ministrado pela professora Ir. D. Maria Celestina Galvão Lourenço, que há largos anos vem dedicando a esta escola o melhor do seu carinho e esforço.

Temos motivos para agradecer a Deus a maneira como tem ajudado as actividades da Escola da Igreja de Lisboa. Estamos certos de que Ele deseja que mais seja feito no Departamento da Educação, a fim de que as nossas crianças e jovens possam receber uma sólida formação cristã.

E. Ferreira

Secretário do Departamento
da Educação

MISSÃO DA MADEIRA

Funchal

Viveu esta Missão, há pouco, dois dos muito felizes dias da sua filantrópica existência de 30 anos de trabalho entre este tão necessitado povo, residente numa das mais lindas Ilhas dos mares, mas muito deserdado das riquezas de Deus,



Edifício da Missão

pela razão de O não seguirem na exacta doutrina cristã. Tem esta Missão tido a alegria de ver desfilar mar fora para outras terras crentes adventistas, educados para as duas vidas, que foram nados e formados pelo Espírito que rege magistralmente esta Missão no Seu Livro: 'A Bíblia Sagrada'.

Chegou finalmente o dia há muito esperado por nós aqui, e por outros irmãos cujos corações estão ligados aos nossos anseios de bem desfilar o glorioso pendão do Evangelho eterno, nesta Ilha tão carecida de ser transformada na vida dos seus habitantes, pela gloriosa Mensagem de Jesus no Seu Apocalipse 14, de verem e saberem que foram abertas as portas dum novo Templo Adventista, em bom local do Funchal, que foi solenemente inaugurado segundo a praxe estabelecida por nós, para a inauguração destes sagrados edifícios, cujo officiante foi este vosso conservo, pela razão da impossibilidade da vinda do mui prezado irmão Director da União, E. Ferreira. Foi pois no passado dia 2 de Julho, pelas 11 horas daquele santo dia de Sábado, que entrámos como Congregação do Senhor, pela primeira vez, para LHE ofertar, dedicar e consagrar à Sua guarda este novo lugar de culto de Sua adoração. Este foi o primeiro dos dois felizes dias. O segundo semelhante a este na alegria, foi a tarde do dia 11, ou seja na noite de domingo, 10, como vulgarmente se fala, que este novo templo experimentou a consistência dos seus fundamentos, pela invasão de almas atentas ao ritual do Baptismo, e à prévia exposição doutrinária do assunto, que encheu o recinto, ocupando até os lugares deixados amavelmente por alguns irmãos, para que todos pudessem ouvir e ver o que lhes tínhamos anunciado por convites impressos. Penso que

se o salão fosse duas vezes maior se encheria. Tudo isto nos trouxe alegria, mas, como dizia na minha última notícia deste campo, que de todas as notícias que daremos aos prezados irmãos leitores da nossa Revista Adventista, a mais bela, mais rica e grata ao coração de todos e ao Céu, é sem dúvida a que refere a rendição de almas preciosas genuinamente convertidas à bendita Fé de Jesus, como testemunho evidente da Grande Mensagem de Apocalipse 14, mundialmente proclamada nesta geração. Foi sob a acção criadora de Deus, sob a acção redentora de Cristo, e sob a acção convincente do Espírito Santo, que esta cerimónia de baptismos de oito pessoas se fez aos olhos de muitos crentes e curiosos, que a despeito das suas crenças e ideias manifestavam sentida comoção quando aquelas valorosas almas entravam e saíam do Baptistério, à voz em canto de: «Oh, que belos hinos, cantam lá nos céus!...»

À saída, fez-se uma boa distribuição de folhetos: «Razões Bíblicas da Fé Adventista». A nossa classe pré-baptismal funciona com mais almas a instruírem-se na santa e pura doutrina cristã que é adventista. Temos o alvo de realizar, com o auxílio de Deus, ainda este ano, a terceira série de baptismos. Não importa muito de vê-los caminhar para outras terras, assim eles sejam lá fiéis ao seu único Redentor Jesus Cristo. Assim como o vento leva nas suas asas as sementes de plantas e árvores para longe da sua origem para serem estabelecidas, assim o vento espiritual, nas asas da Fé adventista, leva para distantes partes do globo «a boa semente que são os filhos do reino».

Agora que temos um bom edifício cultural, que o Senhor nos deu, vamos convidar as almas famintas para o grande e farto banquete das Bodas



Sala do Culto da Missão

de Jesus Cristo, o Filho de Deus. A Ele, pois, tudo devemos entregar, na realização desta Sua chamada para que a festa nupcial seja cheia. Queira o Altíssimo Senhor dono da Terra e dos Céus, proteger esta missão, seus filhos e suas actividades, do iminente e feroz assalto do dragão vermelho, inimigo que foi de Jesus Cristo, e o é muito ferozmente da Sua Igreja, que guarda os mandamentos de Deus, e tem a Fé — Testemunho de Jesus. Oremos todos por estas almas, e o mesmo trabalho de Deus nas vastas missões adventistas pelo mundo fora.

Vosso no Senhor,

Manuel Miguel

VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

A Sociedade de Dorcas da Igreja do Porto

«Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás» (Ecles. 11:1).

Sempre atenta aos bons e salutareos conselhos das Sagradas Escrituras, não quer a Igreja do Porto deixar de pôr em prática a inspirada advertência do Sábio, e por isso, há alguns anos a esta parte, vem, com todo o zelo e amor, lançando «o seu pão sobre as águas» através da activa e zelosa Sociedade das Dorcas.

Muitos têm encontrado neste abençoado Departamento o casaquinho que os abriga contra o frio, os sapatos que lhes defendem os pés contra a rudeza da calçada, o vestidinho ou o fato que os iguala aos mais felizes ou ainda o prazer de uma ou mais refeições bem preparadas e abundantes.

Podemos afirmar que algumas centenas de vezes a Direcção desta Sociedade tem sentido, bem gostosamente, quão «melhor coisa é dar do que receber».

Está ainda bem patente em nosso espírito a alegria que vimos estampada no rosto de algumas dezenas de Irmãos, amigos e crianças quando no Natal do ano findo transportavam para suas casas os pesados embrulhos onde, bem confeccionadas e feitas ao seu corpo, se encontravam as roupinhas que a Sociedade de Dorcas, prazenteira e feliz, lhes oferecia.

Não há Páscoa ou Natal em que os nossos pobrezinhos não sejam lembrados pela Sociedade de Dorcas que, atenta as suas necessidades, procura, na medida do possível, mostrar-lhes que a Igreja os ama e vela por eles.

Muitos são os adultos e crianças a quem esta Sociedade está vestindo duas vezes por ano. A Igreja não cuida somente dos que já são seus, mas, tanto quanto pode, torna extensiva a sua acção benemérita até mesmo junto daqueles que ainda não pertencem ao seu aprisco.

Gostaria poder dar-vos um quadro completo do movimento e acção deste Departamento desde 1952 até ao momento presente. Não é, porém, tarefa muito fácil esta que eu desejaria empreender e por isso limitar-me-ei a apresentar-vos um pouco mais ou menos do muito que se tem feito. Daquilo que os relatórios nos fornecem — e eles não estão perfeitos nem

completos — posso dizer-vos que durante o tempo acima mencionado foram distribuídas mais de 980 peças de vestuário, na sua maioria novas, algumas centenas de quilos de géneros alimentícios, algumas centenas de metros de tecido transformado pelas nossas Irmãs Dorcas em vestidos, casacos, calções, roupas interiores em mais de 1.300 horas de trabalho activo e voluntário.

Além de camisolas interiores e exterior-



Grupo de senhoras da Sociedade de Dorcas do Porto, com a máquina recentemente adquirida

res, meias e tecido que nos foram graciosamente oferecido por alguns Irmãos, esta Sociedade empregou, a bem dos seus pobrezinhos, a quantia aproximada de 11.000\$00 (onze mil escudos).

A fotografia que acompanha esta notícia mostra algumas das Irmãs que têm dado o seu esforço e colaboração a este Departamento junto da máquina de costura adquirida pela própria Sociedade de Dorcas para a confecção dos seus trabalhos. Outras mais irmãs contamos, que embora hajam faltado para a fotografia, nunca faltaram para o trabalho.

Que a todas o Senhor se digne conceder recompensa eterna no «Grande Dia» em que «cada um receberá segundo as suas obras».

Irmãs, trabalhai com Deus dando o vosso coração à Sociedade de Dorcas da vossa Igreja.

Maria Augusta Pires

N. R. — Só hoje é possível publicarmos este artigo, por nos ter faltado o espaço no último número.

O QUE DEUS FEZ POR MIM

Estava eu trabalhando no Chinde, longe da minha terra, quando, um dia, recebi uma carta com a notícia de que tinha chegado à minha aldeia um mestre adventista. Saber ler e escrever tinha sido e era um grande desejo que até ao momento não tinha podido satisfazer; e foi com grande alegria que ouvi ler e reler a boa nova. Imediatamente resolvi voltar para a terra assim que tivesse terminado o contrato de trabalho que estava cumprindo, e frequentar a ambicionada escola.

Bocados amargos me aguardavam. As minhas barbas e a minha idade eram objecto de riso para as crianças minhas condiscípulas; e a vergonha que sentia era tanta que muitas vezes pensei em abandonar a escola. Valiam-me, nessas ocasiões de desânimo, os bons conselhos do meu mestre. Por fim, a convivência acabou por fazer esquecer a diferença de idades, e um dos motivos de mofa desapareceu quando, em boa hora, me despojei das barbas.

Um adulto só pode frequentar a escola da Missão nas suas horas vagas. O tempo útil tem de ser dedicado ao trabalho remunerado nos campos, não vá dar-se o caso de indivíduos preguiçosos se acolherem à sombra da Missão com o intuito de se eximirem, simplesmente, às obrigações de trabalho que têm para com os seus patrões. Tal foi o programa que tive de seguir na Missão, para onde transitei depois de o meu mestre me ter iniciado no português oral.

Por esse tempo já o Evangelho de Cristo tinha aberto brecha no meu espírito de pagão. Pouco depois de ter chegado à Missão tive a grata alegria de ser baptizado; e, agora, ao simples desejo de aprender a ler e a escrever juntava-se um outro maior que estava dando rumo novo à minha vida: o de trabalhar na Obra de Deus para levar aos meus irmãos pagãos as boas novas da salvação por meio do sacrifício de nosso Senhor Jesus Cristo.

Em 1951 concluí o meu curso, não sem que tivesse sido fustigado por uma raposa no ano anterior. Fui então colocado como catequista em Mucurubo, lugar onde havia uma classe de ouvintes com duzentos membros. Em 1953 o Senhor deu-me a alegria de levar ao baptismo dezanove almas. No mesmo ano fui transferido para Mirriua, lugar onde temos uma igreja com setenta

e três membros. No ano passado baptizaram-se dezoito pessoas e neste ano esperamos apresentar a baptismo, se Deus quiser, mais vinte. Em Mirriua temos ainda uma Escola Sabatina com cento e sessenta membros, uma Classe de Ouvintes com oitenta membros, uma Classe Baptismal com trinta membros e as classes de Português Oral com oitenta e um alunos.

Dou louvores a Deus por toda a Sua grande misericórdia para comigo, pois sendo pagão me fez Seu filho. Também lhe dou louvores por todas as bênçãos que tem concedido ao meu trabalho; e ainda por ter nascido nesta grande terra portuguesa de Moçambique, onde temos ordem e paz e onde não falta, graças ao nosso bom Governo, a liberdade de pregar o Evangelho do Reino a toda a criatura.

Esteves Mutomola

Catequista da Missão Adventista de Munguluni em Mirriua

SOMBRA DO QUADRANTE

(Conclusão da pág. 3)

carta de Paris, da autoria de Jorge Guerner.

Faz-se nela referência ao discurso de um sr. Knorr, que entre outras afirmações «confiou ao seu auditório que o fim do mundo não estava longe e que ele viria durante a famosa batalha de Armagedon de que fala a Bíblia. Mas, disse ele em substância, podeis ser salvos dessa catástrofe universal, com a condição de vos contrardes do bom lado, no momento decisivo. Tomando posição desde agora ao lado da sociedade do Mundo novo, é possível que sobrevivais ao Armagedon e que entreis no Mundo novo'. Porque... haverá quem sobreviva à catástrofe que deve marcar o fim do Mundo ou, antes, o fim do 'nosso Mundo', pois que 'Deus transformará a nossa Terra num Paraíso perfeito que será a morada eterna da Humanidade'. 'Mantendo a sua fidelidade integral para com Deus, os escapos de Armagedon... poderão viver eternamente sobre a Terra'.

O autor da carta vai tecendo comentários irónicos acerca destes pontos de vista, mas não pôde deixar de concluir com estas sérias palavras: «Em todo o caso (nunca se sabe...) não será também mau estar à coca da batalha de Armagedon.»

TEMPLO ADVENTISTA EM BENGUELA

8 a 10 de Abril

«Cantarei ao Senhor, porque sumamente se exaltou. ... O Senhor é a minha força, e o meu cântico; Ele me foi por Salvação; Este é o meu Deus, portanto Lhe farei uma habitação».

Assim cantava o povo de Israel dirigido por Moisés, após terem chegado vitoriosos às margens do Mar Vermelho. Todos se sentiam gratos e felizes pelo libertamento da escravidão. Haviam transposto o Mar Vermelho, e agora estavam livres dos seus inimigos e opressores. Diante deles raiava uma nova esperança, e apresentavam-se novas terras, novos horizontes.

Da mesma maneira, de um modo geral o povo de Israel espiritual dos nossos dias em Angola, e em particular os crentes de Benguela, rejubilam e os seus corações se enchem de cânticos de vitória, de louvor e de agradecimento, pela construção, dedicação e consagração do primeiro Templo Adventista em terras de Angola.

À semelhança do povo Israelista, muito peregrinaram e padeceram os servos do Senhor nestas terras. Muitas foram as experiências de 'Mara' e várias as de 'Massa' e de 'Meribá'. Mas muito acentuadas têm sido as do Sinai e de Bethel. O Senhor tem abençoado o Seu povo, e o Seu nome tem sido exaltado entre os povos.

Quando nós pensamos nos pioneiros desta preciosa mensagem em terras de Angola, as provações por que passaram, as condições difíceis em que trabalharam, e o pouco terreno que penetraram, e se compararmos este pequeno início com os tremendos resultados dos nossos dias, somos levados a exclamar — Esta é a obra de Deus! E privilegiados somos nós em sermos Seus servos!

Muitos têm sido os filisteus à roda do povo de Israel, predizendo a queda e destruição do Movimento Adventista. Mas as promessas d'Aquele que disse: — «Eu estarei contigo», «Não te deixarei, nem te desampararei», têm-se cumprido.

As 'pedras vivas' do edifício espiritual mantêm-se unidas pelo cimento regado pelo sangue de Cristo. E assim a casa mantém-se de pé, não obstante as tempestades

e os fortes ventos, porque está alicerçada na Rocha dos Séculos — Cristo Jesus.

Pensemos neste momento como importantes obras vêm de pequenos começos. Encontramo-nos perante uma ocasião em que podemos aplicar as palavras do profeta Zacarias: «Não desprezeis os dias das coisas pequenas». Estou certo que o primeiro missionário que lançou a semente neste pedaço de terra do continente afri-



Edifício da Missão de Benguela

cano, mui dificilmente poderia visionar os resultados de tal sementeira. Mas o Senhor, geralmente, não nos permite ver o futuro. Devemos avançar pela fé e Ele banirá da nossa frente as águas da dificuldade, abrindo-nos as portas do sucesso e da vitória.

Depois de uma longa peregrinação pelo deserto, o povo de Israel edificou um Santuário, e o Senhor habitou no meio deles. Assim também, os crentes de Benguela, depois de longos anos de peregrinação em casas particulares e salões alugados, vêem as suas aspirações realizadas na construção do novo Templo que se levanta como testemunho da ordem do Mestre: — IDE... E aqui viemos, obedecendo às ordens celestiais, para levar o conhecimento da salvação àqueles que dele carecem.

Visitas

Estiveram presentes a esta tão importante cerimónia, o Pastor M. V. Campbell, Presidente da Divisão Sul-Europeia, e o

Pastor M. Fridlin, Secretário da Divisão Sul-Europeia, que se encontravam em viagem através dos vastos territórios da Divisão.

De Nova Lisboa, sede da nossa União, vieram os Pastores Manuel Lourinho e Armando Casaca, respectivamente Presidente e Secretário da União Angolana.

Estiveram também presentes o Pastor Ataíde Candeias, da Missão do Cuale, o Pastor Américo Rodrigues e esposa, da Igreja de Luanda (antigo pastor desta igreja), e o Ir. José de Sá e esposa da Missão de Quilengues.

Todos os irmãos de Benguela ali estavam presentes para tomarem parte na grande festa espiritual, assim como um grande número de amigos e visitas.

Programa

As cerimónias tiveram início na sexta-feira, às oito horas da noite. Muito antes da hora marcada, os irmãos e as irmãs, e muitos amigos que vieram para assistir à dedicação, conversavam animosamente no vasto jardim que rodeia o Templo, apreciando o belo edifício, e fazendo os seus comentários, enquanto que do coração dos crentes se elevavam preces de louvor ao nome do Altíssimo, pelo «Novo Lar» que Ele nos dava.

À hora marcada, as portas abriram-se e todos, ou melhor, alguns, entraram no «hall», enquanto que a maioria ficava à porta para ouvirem o início da cerimónia.

Ali se encontravam os representantes da Divisão, os oficiais da União, obreiro local e muitos irmãos e irmãs.

O Pastor Manuel Lourinho tomou a palavra e fez uma curta mas concisa exposição da história do Movimento Adventista em Angola, e de uma maneira mais acentuada em Benguela. E em seguida, referindo-se ao Novo Templo, disse que as suas portas se abriam ao povo da cidade de Benguela, fazendo votos para que através dele muitos encontrassem o caminho para a eternidade.

Terminadas as palavras de introdução, procedeu-se à cerimónia do corte da fita que separava a sala de culto do «hall» de entrada. Foi o Pastor M. V. Campbell, presidente da Divisão, que cortou a fita simbólica. Em seguida, o Irmão J. Matos Miranda, obreiro local, procedeu à leitura dos membros da Igreja. Um após outro, os irmãos foram entrando e tomando os seus lugares na vasta sala, gostosamente mobilada e decorada, cuja simplicidade, caracte-

terística das nossas igrejas, deleitava aqueles que iam entrando.

Os nossos pensamentos foram, neste momento, para a Chamada que Cristo fará dos remidos desta terra, e quando uns após outros entrarem pelas portas da cidade santa, com coroas na cabeça e agitando as palmas da vitória. Terminada a chamada, as portas fecham-se, e os que não estiverem escritos no «livro da vida» ficarão de fora.

Mas o tempo da graça ainda continua, e as portas da Igreja permaneceram abertas, e todos os que vieram para assistir à cerimónia entraram, e a sala encheu-se.

A Congregação entoou então o hino número 40 — «Louvamos-Te, ó Deus...» — com um verdadeiro espírito de louvor ao Deus do Céu, antevendo já um pedacinho da felicidade que o crente gozará no 'Lar Celestial'. O irmão Casaca dirigiu-nos em oração. A seguir o irmão Manuel Lourinho tomou de novo a palavra e fez uma conferência sobre o «Movimento Adventista».

Terminada a reunião, todos seguiram para os seus lugares, ansiosos que raiasse em breve a manhã do Santo dia do Senhor, para de novo se reunirem na casa de Deus, para continuarem a festa espiritual.

No dia de Sábado teve lugar, à hora habitual, a Escola Sabatina, com a presença do Pastor Armando Casaca, na qualidade de Secretário deste Departamento da União.

Às onze horas da manhã, demos início ao culto de dedicação. Na plataforma tomaram lugar os irmãos M. V. Campbell, M. Fridlin, M. Lourinho, A. Casaca e J. Miranda.

O ir. Campbell pronunciou o sermão de dedicação, sendo traduzido pelo irmão J. Miranda. O irmão Campbell baseou as suas considerações no Salmo 84. Quão deleitoso é estar na casa do Senhor! Numa elevada atmosfera espiritual, e com tocantes experiências, este irmão apresentou-nos o clímax da vida do crente — sua constante presença na casa de Deus. Terminado o sermão, o irmão Manuel Lourinho ofereceu a oração de consagração do novo Templo.

A tarde de Sábado foi bem passada na casa do Senhor. Às três e meia, o irmão Rodrigues, da igreja de Luanda, apresentou-nos um estudo bíblico.

Quando as horas do Santo Dia de Sábado se aproximavam do fim, e quando o

O DINHEIRO foi desde tempos remotos motivo de contendas e lutas entre os indivíduos, dando até motivo para guerras e derramamento de sangue entre as nações.

Quando Deus chamou o povo de Israel para Lhe ser um povo todo especial e peculiar neste mundo, foi necessário dar-lhe certas instruções e regulamentos quanto ao uso honesto e adequado do dinheiro e de suas possessões terrenas, porque de outra forma se tornariam escravos de Mamon. Ao estabelecer a teocracia em Israel, Deus era o proprietário de Canaan com toda a sua terra, produtos, animais, etc., dando ao povo apenas o direito de cuidar e de gozar daquilo que em realidade pertencia a Deus.

Para que o povo se lembrasse disto continuamente, Deus exigia deles a décima parte de todos os seus rendimentos. É por esta razão que nos diz Gen. 14:20 falando de Abraão: «E deu-lhe o dízimo (a décima parte de TUDO.» Lemos ainda mais acerca de Jacob em Gen. 28:22 «...e de tudo quanto me deres, certamente te darei o dízimo.» Jacob, já naquele tempo, antes de existir o povo de Israel como nação organizada, reconhecia que tudo o que havia de receber ele o estava recebendo do Senhor e, como filho obediente, Lhe havia de restituir a parte exigida, isto é, o dízimo, ou a décima parte. Desta forma temos um registo de que o costume de dar o dízimo já era prática bem antiga, mais tarde regulada por leis.

O dízimo traz em si o carácter do sacrificio: «é santo». «Também todas as dízimas do campo, da semente do campo, do fruto das árvores, são do Senhor; santas são ao Senhor.» Lev. 27:30.

Pelo trazer do dízimo ao Senhor, o doador revela a sua gratidão a Deus por tudo que recebeu de Suas bondosas mãos. Dessa forma ficava-lhe na memória o pensamento de que Deus é o proprietário de tudo.

Por outro lado Deus ilustrava ainda mais claro o ponto, pois destinava o dízimo para o sustento dos levitas, que não deviam possuir coisa alguma em Israel. «Disse também o Senhor a Arão: Na sua terra possessão nenhuma terás, e no meio deles, nenhuma parte terás: Eu sou a tua parte e a tua herança no meio dos filhos de Israel.»

Desta forma, o dízimo de todas as demais tribos tornou-se o rendimento ou o sustento dos levitas ou sacerdotes.

M O R D O M I A C R I S T Ã

por G. F. Ebinger

«E eis que aos filhos de Levi tenho dado os dízimos em Israel por herança pelo seu ministério que administra, o ministério da tenda da congregação...» «Porque os dízimos dos filhos d'Israel que oferecem ao Senhor em oferta alçada, tenho dado por herança aos levitas: porquanto Eu lhes disse: No meio dos filhos de Israel nenhuma herança herdarão.» (Núm. 18:12,24.

Uma mensagem solene nos vem da pena da Sr.^a E. G. White: «Deus reclama como Sua a décima parte das rendas do homem, sejam elas grandes ou pequenas; e aqueles que a retêm cometem roubo para com Ele, e não podem esperar que Sua mão lhes dê prosperidade. Ainda que a igreja seja composta, na maioria, de irmãos pobres, o assunto da liberalidade sistemática deve ser plenamente exposto, e o plano adoptado de coração. Deus é capaz de cumprir Suas promessas. Seus recursos são infinitos, e Ele os emprega todos em cumprir Seus desígnios. E quando Ele vê um fiel cumprimento do dever no pagamento do dízimo, muitas vezes, em Sua providência, proporciona meios pelos quais este seja aumentado. Aquele que segue o plano de Deus no pouco que lhe foi dado, receberá a mesma recompensa que aquele que oferta de sua abundância.» Obr. Evangélicos, págs. 219 e 220.

*Assinar a «REVISTA ADVENTISTA»
corresponde a ter à mão um repositório
de artigos do máximo interesse espiritual,
directrizes seguras para a marcha dos di-
ferentes Departamentos e as notícias mais
interessantes do Movimento Adventista
através do Mundo e do campo português.*

Andai na luz

(Conclusão da 1.ª página)

por si uma experiência, todos têm de desempenhar bem e fielmente a sua parte na partida da vida. Satanás vigia a sua oportunidade de apoderar-se das preciosas graças, quando estamos despercebidos, e teremos um renhido conflito com as forças das trevas para conservar essas graças ou readquirir uma graça celeste, caso, por falta de vigilância, a venhamos a perder.

Foi-me mostrado, porém, que é privilégio dos cristãos alcançar de Deus força para conservar todo o precioso dom. A oração fervente e eficaz será considerada no céu. Quando os servos de Cristo tomam o escudo da fé como sua defesa, e a espada do espírito para combater, há perigo no acampamento do adversário, e deve ser feita alguma coisa. A perseguição e o vitupério apenas esperam que os que se acham dotados de poder do Alto os chamam à acção. Quando a verdade em sua simplicidade e força prevalecer entre os crentes e for posta contra o espírito do mundo, evidenciar-se-ão que não há concórdia entre Cristo e Belial. Os discípulos de Cristo devem ser exemplos vivos da vida e espírito do seu Senhor.

Jovens e velhos têm diante de si um conflito, uma guerra. Não devem dormir nem por um momento. Um insidioso inimigo está constantemente alerta para os transviar e vencer. Os crentes na verdade presente devem ser tão vigilantes como o seu adversário, e manifestar sabedoria em resistir a Satanás. Farão eles isto? Perseverarão eles nesta peleja? Serão cuidadosos de afastar-se de toda a iniquidade? Cristo é negado de muitas maneiras. Podemos negá-l'O por falar em contrário da verdade, por falar mal dos outros, por conversas e gracejos tolos, ou por palavras ociosas. Nestas coisas manifestamos bem pouco tino ou sabedoria. Tornamo-nos fracos; são débeis os nossos esforços para resistir ao nosso grande inimigo, e somos vencidos. «Do que há em abundância no coração disso fala a boca», e devido à falta de vigilância confessamos que Cristo não está em nós.

Os que hesitam em consagrar-se sem reservas a Deus, fazem uma fraca obra no servir a Cristo. Seguem-n'O a tão grande distância que metade do tempo não sabem

se estão seguindo as Suas pegadas ou as do grande inimigo. Por que somos tão tardios em renunciar aos nossos interesses nas coisas deste mundo, e tomar a Cristo como nossa única porção? Por que temos nós de desejar conservar a amizade dos inimigos do Senhor, e seguir-lhes os costumes, e ser guiados pelas suas opiniões? Cumpre haver inteira entrega a Deus, entregá sem reservas, abandono e afastamento do amor do mundo e das coisas terrenas, ou não podemos ser discípulos de Cristo.

A vida e o espírito de Cristo é a única norma de excelência e perfeição; e a nossa única direcção segura é seguir-Lhe o exemplo. Se assim fizermos, Ele nos guiará pelo Seu conselho, recebendo-nos depois em glória. Precisamos esforçar-nos diligentemente, e estar dispostos a sofrer muito, a fim de seguir as pisadas do nosso Redentor. Deus está pronto a trabalhar por nós, a dar do Seu abundante espírito, caso para isso nos forcemos, vivamos para isto, e nistro creiamos. E então podemos andar na luz, como Ele na luz está. Podemos nutrir-nos do Seu amor e beber da Sua farta plenitude.

A GRAÇA DA CORTESIA

Os que trabalham para Jesus Cristo devem ser rectos e fidedignos, firmes como uma rocha aos princípios, e ao mesmo tempo, bondosos e corteses. A cortesia é uma das graças do Espírito. Lidar com o espírito humano é a maior obra que já se encontrou ao homem; e aquele que deseja encontrar acesso aos corações precisa ouvir a recomendação: «Sede... misericordiosos e afáveis» (I Ped. 3:8). O amor fará aquilo que o argumento deixar de realizar.

O que Jesus Cristo era nesta terra, deve o obreiro cristão esforçar-se, também, por ser. Proferia aqui e ali uma palavra de simpatia. Todos têm de ser tratados finamente e delicadamente, como filhos e filhas de Deus. O cristianismo tornará o homem um cavalheiro. Jesus era cortês, mesmo para com os seus perseguidores por isso os Seus verdadeiros seguidores deverão manifestar o mesmo espírito. (Obreiros Evangélicos).

Têm a palavra os nossos Colportores

«O meu coração ferve com palavras boas; falo do que tenho feito no tocante ao Rei.» — Salmo 45:1.

Não posso calar a grande paz e alegria, que encontrei no Senhor Jesus.

Enquanto fui católico o precioso nome de Jesus foi para mim uma palavra vulgar. Ia à missa, confessava-me algumas vezes, mas tudo isso era para mim como que desporto, porquanto nada sentia no meu coração que fosse de Cristo. Hoje reconheço, porém, que a fé vem pelo ouvir e o ouvir pela Palavra de Deus.

Realmente como podia eu ter fé, então, se pouco ouvia que fosse da Palavra de Deus? Venerava e adorava coisas vãs e inúteis. Mas imensas graças devo eu render a Jesus porque no dia 24 de Setembro de 1949 me recebeu em Seus misericordiosos braços.

Desde então reinou grande paz em meu coração. Fui baptizado e recebido no seio da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Lisboa. Agora espero que o Senhor me dê o Seu poder do alto e envie o Seu Espírito, para realizar a Sua obra enquanto é dia. Caros irmãos e leitores amigos: se pensarmos no grande amor que Jesus nos tem só imensas graças e louvores lhe devemos render e a Seu Pai.

E podereis ficar certos de que Jesus vos pede hoje o vosso coração para que tenhais a paz que nós temos.

Há seis anos, pois, me entreguei a Cristo. Ele me tem feito subir até aqui animosamente. (Num. 13:30).

Pela graça do Senhor me subscrevo hoje sinceramente com estima em Cristo Jesus.

Isaias da Silva
Colportor evangelista

Emissões em Angola

A Mensagem Adventista é, todas as semanas, irradiada através da EMISSORA DE BENGUELA, nas segundas-feiras, às 20,30 horas, nas bandas dos 31 e 60 metros, em onda curta.

Templo Adventista em Benguela

(Conclusão da pág. 11)

Sol repousava os últimos raios do dia sobre o novo Edifício de culto, dando-lhe um aspecto dourado, a congregação, dentro, no mesmo espírito, era dirigida em culto e oração pelo irmão Miranda. E antes de saírem, cantaram: «Fim do dia...»

À noite, às nove horas, realizámos mais uma conferência pública. Tomou a palavra o Pastor M. Fridlin. Com a sua voz dinâmica, a sua larga experiência missionária e a sua capacidade oratória, o Pastor Fridlin arrebatou a assistência, não se ouvindo na sala o menor ruído que pudesse perturbar a tão bela mensagem que este irmão nos trouxe.

Domingo de manhã, às nove horas, o Pastor Armando Casaca realizou o culto devocional, abrindo as actividades do dia, e trazendo-nos a nota espiritual para os nossos trabalhos.

Às dez e trinta, o Pastor Fridlin mais uma vez nos deliciou com as suas palavras, sendo traduzido pelo Pastor M. Lourinho.

De tarde, às 3 horas, tivemos o prazer de ouvir mais um estudo bíblico pelo Pastor Manuel Lourinho, que nos falou sobre o Lar dos Salvos.

Às dezasseis e trinta tivemos o privilégio de assistir a uma reunião social dos M. V., dirigida pelo irmão Miranda, e com a colaboração de todos os jovens, irmãos e irmãs e visitantes. Ouvimos lindos cânticos, poesias e coros pela juventude. O irmão Casaca, secretário do departamento dos M. V., conferiu alguns emblemas aos jovens que haviam terminado as classes progressivas. Desejaríamos continuar ali naquela tão bela reunião, mas as horas passavam, e era necessário ir para casa, para podermos voltar a horas para a conferência da noite.

O Pastor M. V. Campbell, numa brilhante conferência, fechou com chave de ouro as cerimónias de dedicação do novo Templo Adventista na cidade de Benguela.

Assim se colocou mais um marco miliário na senda para a Vida Eterna, que o vasto Movimento Adventista está procurando levar a toda a nação, tribo, língua e povo.

Que através das portas deste Templo muitas almas possam aceitar e seguir Aquele que é «o Caminho, a Verdade e a Vida».

J. Matos Miranda

RESPEITO POR DEUS E PELO HOMEM

(Conclusão da pág. 2)

res. O lugar em que Deus Se encontra conosco é santo, embora seja um humilde cenáculo, ou até um santuário ao ar livre na encosta de um monte, ou junto de um rio, ou numa cova ou caverna. A tenda no deserto era tão sagrada como o tabernáculo em Jerusalém.

A terra que rodeava a sarça ardente era tão santa, e o lugar em que Josué se encontrou com o Capitão do exército do Senhor tão sagrado, como o lugar santo no tabernáculo, porque eram santificados pela presença de Deus, e por isso foi mandado a Moisés e Josué que mostrassem reverência. O que atribui santidade a qualquer local em que os crentes se reúnem não é tanto o ambiente material, artificial ou natural, nem o próprio facto de os crentes se reunirem. É a presença invisível, sobrenatural, e no entanto muito real, de Deus no meio dos Seus santos reunidos. «Porque onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome, aí estou Eu no meio deles.» (Mat. 18:20).

«Embora Deus não habite em templos feitos por mãos, Ele honra com a Sua presença as assembleias do Seu povo. Ele prometeu que quando se reúnem para o O buscarem, para reconhecerem os seus pecados, e para orarem uns pelos outros, Se encontrara com eles pelo Seu Espírito.» — *Prophets and Kings*, p. 50.

A reverência é geralmente acompanhada de humildade e de um sentimento de indignidade. «A humildade e a reverência deveriam caracterizar o comportamento de todos os que vêm à presença de Deus. Em nome de Jesus podemos vir perante Ele com confiança; não devemos, porém, aproximar-nos d'Ele com uma ousadia presunçosa, como se Ele estivesse no mesmo nível que nós outros.» — *Patriarcas e Profetas*, p. 271.

Definição de temor do Senhor

O temor do Senhor também caracteriza a verdadeira reverência. «Deus deve ser em extremo tremendo na assembleia dos santos.» (Sal. 89:7). A verdadeira religião contém três elementos indispensáveis:

correctas crenças, correctos sentimentos e correcta conduta. O temor de Deus é um dos sentimentos predominantes de um cristão reverente. A religião sem sentimento é morta e impotente. A fé e o dever são mais frequentemente salientados do que o sentimento, porque oferecem os motivos do sentimento, e também porque demasiada concentração nos nossos sentimentos leva a exagerá-los e a tornar-nos mórbidos. O temor do Senhor é importante e muitas vezes se fala dele na Escritura como sinónimo de verdadeira religião.

Este temor não é terror, porque nos afastaria de Deus em vez de nos aproximar d'Ele. Não é um sentimento passageiro, mas um hábito da mente; na realidade, é difícil definir-se, e não pode ser resumido numa única simples frase. Sabemos, porém, que ele origina e inspira adoração. Corresponde a respeito pela grandeza de Deus, reverência pela Sua majestade, e inspira obediência à Sua lei.

Este temor de Deus de maneira alguma diminui a alegria do cristão ao estar na presença de Deus, nem de maneira alguma suprime o seu desejo de assistir ao culto; na realidade, é a alma reverente e temente a Deus que mais aprecia e ama o tempo passado na casa de oração. Durante os dias que medeiavam entre um culto e o seguinte ele pode dizer com David: «A minha alma está anelante, e desfalece pelos átrios do Senhor; o meu coração e a minha carne clamam pelo Deus vivo.» (Sal. 84:2).

A reforma da higiene

O Evangelho e a obra médico-missionária têm de avançar juntos. O Evangelho precisa de estar ligado aos princípios da verdadeira reforma da higiene. O cristianismo tem de ser introduzido na vida prática. Uma obra reformatória fervorosa, completa, precisa de ser feita. A verdadeira religião bíblica é uma emanção do amor de Deus pelo homem caído. O povo de Deus deve avançar em linha recta para impressionar o coração dos que estão buscando a verdade. Cumpre-nos apresentar os princípios da reforma higiênica ao povo fazendo todo o possível para que todos vejam a necessidade desses princípios e os ponham em prática. (*Testemunhos para a Igreja*).